

# Mãos dadas

DRA. LAURA MOELLER

**S**er residente de primeiro ano é a adolescência da prática médica. Penso que os primeiros anos de trabalho também o são. Um cabedal teórico na mente, o espírito imbuído de alegria pelo fechamento da graduação com o início de nova fase de aprendizado... Os colegas em outras especialidades, os plantões desafiadores pelas nunca vivenciadas experiências diretas com as dores dos outros.

Há uma saudade fugaz das aulas, dos corredores, dos grupos de estudo, do tempo exíguo para terminar de estudar o conteúdo da temida prova. Sempre evocando a bola fora do colega — que teve o azarão de naquele justo dia colocar a dúvida de todos de uma maneira equivocada —, as manias e esquisitices de professores icônicos, os almoços corridos no bandeirão do hospital, o sol na laje de um pronto-socorro.

Há também uma saudade que puxa o ar da garganta como um vácuo a colapsar o peito. Nossos próximos a nos acolher com mãos que se cruzam por nossos peitos, o cansaço e as palavras inseguras e amedrontadas de uma carreira exigente e competitiva. A sabedoria que carregava o café e algum alimento para a sala de estudos, os indicadores a rasgar as lágrimas ainda das pálpebras e as palmas das mãos em rostos angustiados pelas frustrações que a vida impõe.

Ainda que hesitantes, seguimos entre acenos nem tão longínquos, mas muito cúmplices entre diversos setores do hospital universitário; sempre encontramos nossos irmãos na profissão. Quando, muitas vezes consciente, reconhecemos a passagem. O primeiro parto, a dor atenuada, o diagnóstico firmado, o reconhecimento pelos familiares, o conflito sem resolução, o aceitar da impotência, o reconhecimento da finitude. São muitos os caminhos que nos tornam médicos, que revalidam nossos votos e nos propulsionam na caminhada.

Naquele plantão eu reconheci seu aceno. Suas mãos delgadas, pele fina com algumas manchas senis e unhas cuidadas, sim. Sim, aquelas mãos despentearam meus cabelos para que pudesse rir das minhas próprias preocupações pueris. Aquelas mãos me trouxeram as mãos de amigos que hoje me abraçam. Aquelas mãos a me alimentar o estudo, durante o estudo, com açúcar e afeto.

Pouco vi de seu rosto. Estava inclinada a ir até você; fui interrompida pelo clamor da parada na sala vermelha. Maca alta, homem grande, lívido, eu pequena. Ainda menor. Quase instintivamente subi dos degraus da escadinha, o desfiz de sua camisa e mãos dadas, superpostas ao peito suado de medo, pegajoso, de pele mal perfundida que cola nas minhas palmas. E pela compressão, como bomba, trabalhei com todo meu empenho e fé. E todo meu medo, meus anseios, toda minha saudade e altruísmo.

Mãos dadas. Que sobem e descem o peito.

Que neste ato, sublimado hoje pelo humor irônico de um pai que não é meu, mas me conduziu pela mão quando me entendi médica.

Mãos dadas, em doação. **❶**

